

fundamentalista e a pregação terrorista do Bush em relação ao Iraque. Toda a mídia americana repetiu o que a Casa Branca mandava. Ninguém colocou em dúvida ou contestou se Saddam Hussein teria ou não teria bomba atômica, bomba bacteriológica, bomba química. Com isso fizeram a cabeça do povo americano, convenceram o povo americano que era justo, legítimo, necessário e imediato destruir o Iraque. Nos Estados Unidos, a mídia é tão submissa como aqui e o que é pior, que as grandes corporações de mídia dos Estados Unidos é que têm as agências. Elas que divulgam a notícia no mundo e a mídia dos outros países repetem com a maior subserviência o que falam as agências americanas. Na guerra do Iraque, a única exceção foi a rádio e televisão portuguesa, a RTP, que conseguiu produzir notícias autônomas, independentes, fora das grandes agências norte-americanas, que divulgavam o que o Bush, o que o Pentágono, o que a CIA queria.

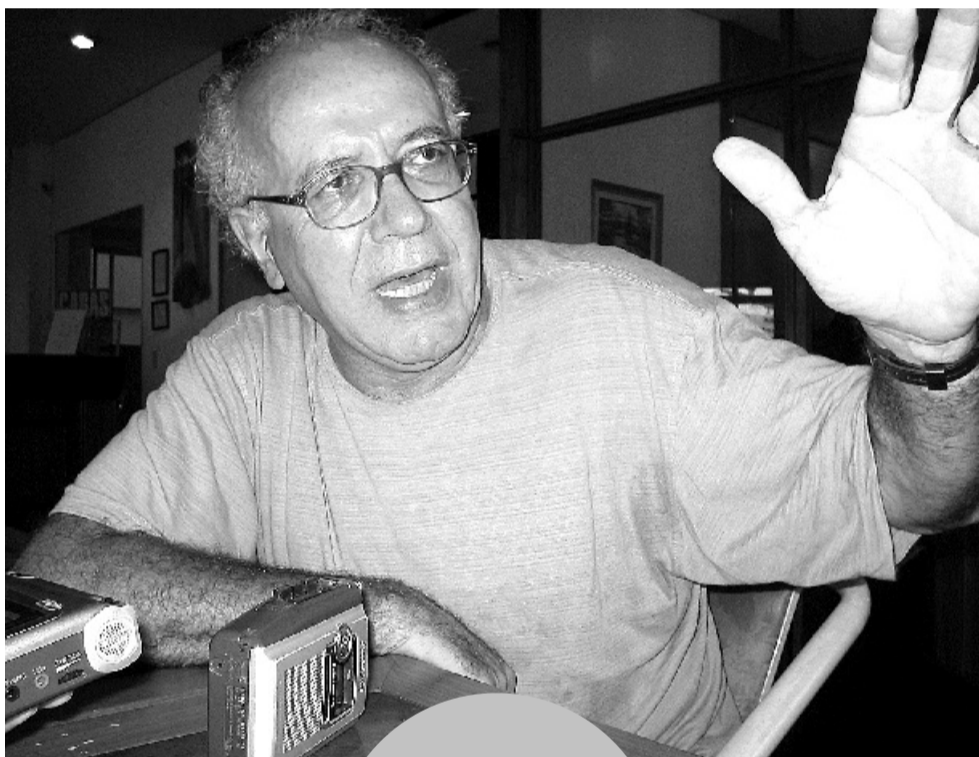
**P - Em termos de audiência são os grupos hegemônicos 'que fazem a cabeça da maioria da população'. Como atuar de forma a reduzir essa influência e se ainda existe espaço para a chamada comunicação alternativa?**

**R -** Não é tanto reduzir, como combater. Eu digo mais: como vencer essa batalha, porque nós estamos numa batalha contra-hegemônica não é para empatar o jogo, é para ganhar. É possível vencer se nos convenceremos primeiro que a mídia tem classe, que a mídia que está aí vai nos conceder alguns espaçozinhos por interesses imediatos de ganhar audiência, pois não tem como esconder alguns fatos. Então, eles noticiam para ganhar um certo ar de imparcialidade, mostram alguns artigos nossos. Nós temos que aproveitar esses espaços obviamente, mas ao mesmo tempo construir a nossa mídia alternativa. É perfeitamente possível sim. O que impede os partidos de esquerda, sejam eles quais forem, de ter um veículo de comunicação distribuído em banca, vendido em banca, vendido de forma militante? Se existe um semanário, o *Brasil de Fato*, com o esforço enorme de um pequeno grupo, vamos dizer, liderado pelo MST, amigos do MST que fazem esse jornal. Por que não podem existir outros dois, três, quatro, cinco jornais de esquerda se a burguesia cria todo o dia novos jornais. É possível criar a nossa mídia alternativa.

**P - Como avalia a comunicação sindical de uma forma geral?**

**R -** Tem um aspecto, eu diria, positivo, que merece um elogio muito grande e depois temos que falar da fraqueza.

O ponto positivo, na década de 90, vimos que não existiu imprensa alternativa, a imprensa alternativa se encolheu, foi derrotada pela queda do Muro de Berlim, pela perda das ilusões, das esperanças de construir um mundo socialista um dia ou pela visão que a história acabou. O neoliberalismo acabou e se jogou tudo em ganhar eleições e ganhar eleições. A imprensa alternativa morreu na década de 90. Quem é que fez a batalha contra as privatizações? Quem é que falou contra as privatizações? Foi a imprensa sindical. Quem fez a batalha contra a privatização do sistema Telebrás, da



**“Imprensa sindical é dividida, corporativa”**

Companhia Siderúrgica Nacional, da Petrobrás? Quem impediu não foi a imprensa de esquerda, que não existiu. Cadê a imprensa do PT na década de 90 falando contra a privatização da Petrobrás? O sindicato dos bancários fez inúmeros artigos contra a privatização da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, etc.. Quem fez minimamente a contraposição ao neoliberalismo foi a imprensa sindical porque a imprensa política não existiu na década de 90. Isso é um mérito enorme, mostra o potencial, a capacidade que nós teríamos de fazer uma imprensa contra-hegemônica, que faça disputa com a grande mídia. Agora, hoje em dia, tem que colocar muita ressalva nisso. Há uma crise tremenda na imprensa sindical. Não sabe definir se é carne ou peixe, se continua como imprensa sindical que luta pelos interesses dos trabalhadores imediatos e históricos, ou seja, pode lutar contra inúmeras medidas desse governo. Mesmo se apóia o governo, algum sindicato, alguma imprensa sindical pode criticar violentamente, apresentar

postas, combater, enfrentar medidas concretas do governo. Hoje não temos essa segurança. Na imprensa alternativa você tem um momento de crise que não sabe se é governista, se é anti-governista. Isso gerou uma grande crise a partir do governo Lula e uma diminuição grande do espírito militante, do ânimo de luta nessa década, sobretudo nesses anos de 2000 para cá. Uma grande perda de combatividade que se reflete no enfraquecimento da imprensa sindical. Hoje não temos coragem de falar contra o Banco Central, pois falar contra o Banco Central é falar contra o governo, mas

contra nós, falando a favor da privatização do ensino público, falando contra os servidores públicos federais, contra o serviço público, contra o Estado, contra a máquina estatal, a favor da privatização da saúde. Você pode encaixar cada mês uma pequena notinha que você mostra o contrário, mostra uma outra visão. É verdade, é uma folha dentro de uma árvore que tem milhares de folhas, uma folha de cor diferente, mas o conjunto da árvore está aí, quer dizer, furar o bloqueio da grande imprensa para mim só tem um meio: construir a nossa imprensa. O resto vamos aproveitar, as pequenas brechas que tiver. A grande fraqueza da imprensa sindical é que está completamente dividida por sindicato, é corporativa. Isso é uma imbecilidade. Em Santa Maria deve existir no mínimo 10 jornais sindicais, e os 10 certamente são insuficientes para a disputa da hegemonia, pois são quatro pagininhas. Porque não se faz um de oito ou de doze páginas semanal com 10, 12 sindicatos, onde os grandes temas gerais das grandes disputas de hegemonia sejam discutidos?

**P - A comunicação on line através de sites, blogs, pode ajudar na tentativa de democratizar as informações?**

**R -** Muito. É um grande meio de comunicação hoje em dia. Eu estava no Ceará falando para 88 professores de escolas públicas de 1º e 2º graus, salários muito baixos, condições não muito boas de acesso à internet e eu estranhei que de 88, uns 75 colocaram o seu e-mail em uma lista que eu passei, ou seja, você tem 75 professores que passaram o seu e-mail e isso é um instrumento de comunicação permanente com eles. Eu defendo um boletim eletrônico diário pequeno, curto, não grande porque senão enche o saco de quem lê. Uma coisa pequena, mas que você alimente, tem fatos. Tem matéria para divulgar em um boletim eletrônico, quando se fala de imprensa alternativa não é o velho jornal *Opinião* e *O Movimento* da década de 70. Claro que tem que ter o jornal *Brasil de Fato*, que eu defendo que seja diário, mas temos que exigir financiamento do dinheiro. O governo está dando bilhões para a *Globo*, bilhões para a *RBS*. E, porque não podemos ter esse financiamento para a imprensa alternativa? Ao lado da imprensa escrita do Guttemberg, nós temos que usar tremendamente a internet, que seja a página, mas a página é uma coisa onde acessa quem quer. Nós temos que ter uma coisa que estimule a ir na tua página. Temos que usar tudo que está aí, porque o nosso inimigo de classes usa todos os instrumentos. É possível vencer? Claro, mas se usarmos todos os instrumentos.

nós elegemos esse governo, então como é que fica, como é que não fica, estamos em dúvida. Há uma crise grande hoje em dia, mas o potencial da imprensa alternativa continua.

**P - A questão é que muitos sindicatos têm boa estrutura de comunicação, mas não conseguem furar o bloqueio da chamada grande imprensa. Mas, muitas vezes se tem a visão de que se não aparece na grande imprensa, não existe. Como analisar essa idéia?**

**R -** O bloqueio da grande imprensa nunca será furado porque a grande imprensa não é idiota. Ela sabe muito bem que não vai dar espaço para o inimigo. A grande imprensa tem clareza de que as forças sindicais, as forças populares, as forças de esquerda são inimigas. Então, ela não vai permitir que nós furemos o bloqueio, não são ingênuos de permitir isso. Claro, nós temos que ocupar o espaço que tiver, óbvio, nós somos uma gota no oceano. *O Zero Hora* é o tempo todo falando